

REVISTAS E ESPAÇO PÚBLICO

VVAA, *Revistas, Ideias e Doutrinas - Leituras do Pensamento Contemporâneo*, Livros Horizonte, Lisboa, 2003 (livroshorizonte@mail.telepac.pt); Estudos do Século XX, revista semestral, CEIS20, ed. Quarteto, Coimbra, 2002 (<http://quarteto.regiaocentro.net>); Estratégia, revista semestral (nº 18/19), Principia, Cascais, 2003 (www.principia.pt).

I

Fruto dos trabalhos do Seminário Livre de História das Ideias coordenado pela Profª Zília Osório de Castro na UNL/FCSH (Dptº História e Teoria das Ideias, no âmbito do Centro de História da Cultura), este volume apresenta textos e debates que datam do ano 2000, centrados nas principais publicações culturais portuguesas do período 1900-1930. O ciclo dedicado às revistas e publicações periódicas foi coordenado por Luís Crespo Andrade, que justifica numa breve Introdução (pp. 11-18) a estrutura e a lógica do volume. De notar que a maioria dos participantes não pertence aos quadros do Seminário Livre e este trabalho sistemático corresponde, assim, a um esforço organizacional incomum nas universidades portuguesas. O resultado é também ele invulgar, conseguindo realizar a publicação não só dos textos como dos debates que se lhes seguiram.

O primeiro texto (e respectivo debate) é da autoria de José Augusto Seabra, e tem por tema a relação das revistas culturais aos grandes movimentos culturais do período em causa. Nele não encontramos posições inovadores relativamente ao que o autor já expôs noutras obras, mas esse é o registo habitual de quase todas as participações e, afinal, o preço a pagar por organizar o Seminário em função de «consagrados» de diversas áreas. Preço razoável, se se considerar que uma obra como esta será instrumento de consulta e primeiro meio de contacto com a realidade que aborda para muito alunos universitários.

De seguida, as intervenções temáticas: Manuel Braga da Cruz, sobre publicações católicas; António Reis e Rogério Fernandes, cada um com uma intervenção sobre a *Seara Nova* (de facto, a grande revista de reflexão portuguesa - e não só desse período); *Orfeu e Presença*, por Eduardo Lourenço; *A Águia* e restantes publicações ligadas à «Renascença Portuguesa»; as publicações centrais do Integralismo Lusitano (*Nação Portuguesa* e

Integralismo Lusitano), por Paulo Archer de Carvalho; revistas anarquistas portuguesas, por João Freire; e por fim José-Augusto França aborda *Contemporânea* e outros magazines artísticos do período. No total, o volume pouco ultrapassa 200 páginas. Tendo em conta tratar-se do período 1900-1930, é aquilo que se esperaria encontrar em termos de publicações. Seria possível objectar que faria sentido considerar ainda as publicações neo-realistas da década de 1930, pois tanto a *Presença* como a *Seara* e mesmo os títulos integralistas atravessam esse período em diálogo directo com esses órgãos de uma nova geração e é com ela (a que fez *O Diabo* e o *Sol Nascente*) que este período histórico se fecha. A *Vértice* é já claramente de um outro meio intelectual, com uma politização posterior à I República. Mas esta é uma crítica exterior, que em nada diminui o trabalho tal qual foi realizado.

E se escrevemos que em quase todas as intervenções (e debates) encontramos teses já correntes, muitas vezes com total justeza, é questão de simples justiça realçar algo raro no meio intelectual e universitário português. A intervenção de Eduardo Lourenço sobre *Orpheu e Presença* consiste numa revisão crítica das suas posições anteriores, num exercício bem diverso da abjuração acrítica ou da adaptação de aspectos de pormenor aos novos tempos (embora este último aspecto também se verifique). Na verdade, Eduardo Lourenço parece estar aqui momentaneamente saturado da sua condição de ensaísta laureado e executa com frieza e desprendimento invulgares uma autocrítica da mitificação que, nas décadas de 1960 e 1970 (cf. espec. *Tempo e Poesia*, de 1974) fez da *Presença* e de *Orpheu*. Notável é como essa mitificação, que nós mesmos discutiremos noutra ocasião, permanece intacta aos olhos de um público que, em todas as intervenções do debate reproduzidas no volume, repete a Lourenço a cartilha da «Presença como contra-revolução» por ele proposta. Num país em que a indiferença generalizada às posições dos pares é norma, aqui se encontra um caso perverso, que revela os efeitos a longo prazo do ensaísmo de Eduardo Lourenço no meio universitário português. Só pelo contraste entre o desassombro de Eduardo Lourenço e a veneração acrítica que a sua tese continua a merecer, já merecia este volume um sucesso crítico que decerto não vai obter. Mas, pensando em termos do volume no seu conjunto, também vários outros textos serão de grande utilidade para a generalidade dos leitores desta obra, sobretudo estudantes de licenciatura.

Estudantes ou não, os leitores de hoje podem constatar sem dificuldade que o tipo de publicações aqui estudadas é hoje quase inexistente. Com efeito, se a cada geração de intelectuais portugueses correspondeu pelo menos uma revista cultural que a simboliza, numa sucessão que dura pelo menos desde o último quartel do século XIX, nos últimos anos este tipo de publicação intermédia entre o jornalismo generalista dos suplementos literários dos jornais de grande tiragem e a publicação académica com tiragens de poucas centenas de exemplares parece extinto, ou quase. A Fundação Gulbenkian mantém (até quando?) a publicação da *Colóquio-Letras*, pouco regular, a Fundação Círculo de Leitores suporta a LER, irregular também, e pouco mais há a registar, entre as publicações que surgem e depressa se extinguem e outras que persistem sem consequências culturais (como a *Vértice*). O «Jornal de Letras» poderia ser uma excepção, mas não é o caso. E neste cenário cabe às publicações académicas proporcionar acolhimento a debates actuais que muito interessariam a públicos mais numerosos.

Daqui a cem anos não fará sentido um livro como *Revistas, Ideias e Doutrinas*, mas decerto muito antes disso será possível reflectir sobre a mudança estrutural do discurso crítico português operada em meados do século XX e hoje evidente em publicações académicas (que, infelizmente, se ignoram mutuamente de um modo que o facciosismo dos anos quentes das décadas de 1920 e 1930 nem sequer permitia). Até porque, por ser uma evidência, precisa ser analisada para ser partilhável.

II

Para essa reflexão, um bom *case study* será *Estudos do Século XX*, revista semestral do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX, dirigido pelo Prof. Luís Reis Torgal na Universidade de Coimbra. Após um primeiro número coordenado por António Pedro Pita sobre estéticas do século XX (no primeiro semestre de 2002), o segundo foi dedicado à questão europeia. Coordenado pela Prof^a. Maria Manuel Tavares Ribeiro (Univ. Coimbra), reuniu sob a designação genérica «Europa-Utopia/Europa-Realidade» um dossier de onze artigos com textos de temáticas diversas, desde a visão da Europa por brasileiros dos anos 30 (por Maria das Graças Ataíde de Almeida) até notas sobre política comunitária de coesão (por Alfredo Marques). Como é normal neste tipo de revista, reúnem-se nomes consagrados em áreas específicas, como Miguel Baptista Pereira na Filosofia, Adriano

Moreira nas Relações Internacionais ou o próprio Reis Torgal na História, em trabalhos que trazem pouco de novo, e juntam-se-lhes os primeiros materiais de projectos em curso que muita importância terão, previsivelmente, quando estiverem concluídos, como é o caso do estudo da cultura juvenil de oposição em Portugal durante os anos 60, por Rui Bebianho. Entre o já consagrado e o que ainda se forma, encontra-se neste dossier aquilo que melhor se aproxima em Portugal a um 'estado da arte' em matéria europeia. Complementado com uma secção de crítica de livros e informações sobre o CEIS20 e as suas actividades, este número exemplifica bem como, em menos de um século, a reflexão crítica em Portugal passou das páginas de revistas generalistas como a *Seara Nova* ou a *Presença* para publicações especializadas de tipo universitário.

Acabado de publicar, o terceiro número (ainda relativo a 2003) é dedicado a «colonialismo, anticolonialismo e identidades nacionais», sob coordenação de Luís Reis Torgal. Na temática vasta e muito inexplorada (em Portugal), a própria designação é reveladora de algumas ambiguidades intencionais ou, pelo menos conscientes: a «vaxeta quaestio» nacional relativa à nossa singular identidade surge como complemento aos temários bem mais difundidos dos estudos pós-coloniais. Seria descabido fazer aqui um cotejo entre esta abordagem ao pós-colonialismo e a da escola lisboeta mais radical, no ISCTE (ou coimbrã, no CES). Mas são já estes os materiais que diferenciam o trabalho científico e curso e não há necessidade de maior distanciamento histórico para rever essas variantes em acção. De novo reunindo intervenções de autores consagrados (Adriano Moreira, Veiga Simão) e numerosos investigadores em formação, o volume não oferece uma visão sintética, nem sequer panorâmica, da questão mas antes dá a conhecer um conjunto de estudos de tipo monográfico muito variados: sobre Goa (Mário Matos e Lemos), sobre Amílcar Cabral (Julião Soares Sousa), sobre Eduardo Mondlane (João Tiago Sousa), sobre o PCP e o colonialismo (João Madeira), enfim, do cinema à Imprensa dos monárquicos africanistas às representações do «negro», etc.

Dito isto, a transição da discussão pública para revistas especializadas não é um fenómeno linear. Desde logo, à racionalização editorial nela implícita (aceitação da função social dominante de *mass media* como a TV ou a internet) está associada a criação de novas formas de mediação social dentro do espaço público. Exemplo disso é a actividade da editoria Principia e as sinergias evidentes entre publicações científicas, como «Estratégia»,

e publicações de tipo não científico mas igualmente não generalista, que cobrem hoje, tematicamente, áreas de interesse de públicos especializados que se confundiam nas publicações da primeira metade do século XX - é o caso de «O Mundo em Português». Ambas as publicações procedem, no essencial, das actividades de investigação do Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais, recebendo um acolhimento editorial que as torna complementares. O número mais recente de «Estratégia» (18/19, relativo a 2003) intitula-se «Portugal e a Constituição Europeia» e dá à estampa intervenções proferidas no colóquio «Portugal e o Futuro da Europa» (actividade desenvolvida entre 2002 e 2003).

Beneficiando de um trabalho organizativo competente e de uma área temática bem definida (defesa e política internacional), as actividades do IEEI são aqui bem ilustradas por um conjunto de intervenções (e de anexos) que é o equivalente temático e especializado do 'estado da arte' académico do segundo número de «Estudos do Século XX». Nesta analogia, aliás, revela-se uma faceta ainda pouco notada relativamente às estruturas institucionais que regulam o nosso espaço público e a nossa investigação científica, a saber, a multiplicação de centro dentro das universidades mas, também, a iniciativa extra-universitária de cariz já não apenas amador, em que o IEEI e o Instituto de Defesa Nacional são dois exemplos nítidos. Participam, entre numerosos outros, Jorge Sampaio e António Vitorino, Guilherme d'Oliveira Martins, Maria João Rodrigues e, com predominância organizativa, Álvaro de Vasconcelos.

Já «O Mundo em Português», apesar da sua ligação ao mesmo IEEI, aproxima-se mais de um modelo de publicação regular (mensal) dirigida a um público intermédio, à semelhança de outra publicação da principia com a qual partilha colaboradores e temas («Nova Cidadania»). Numa época em que a lamentação pela omnipresença dos modelos e formatos televisivos nos *media* é geral, a simultaneidade de interesse editorial e qualidade intrínseca destas publicações é, também ela, reveladora das mudanças ocorridas no espaço público português nos últimos 100 anos e das potencialidades nele presentes caso as aproveitem judiciosamente, não insistindo em modelos inviáveis («Colóquio», «Vértice» ou o «Jornal de Letras»). Potencialidades, desde logo, pela simples constituição de um espaço público digno desse nome.

Carlos Leone

(Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias/ FCT-BD)

PS - Graças aos atrasos editoriais das revistas académicas, oportunidade para dois registos adicionais: o nº 12/3 (Outono 2003) de LEITURAS, revista da Biblioteca Nacional dedicado à *Presença*; e o volume 24 da Revista de História das Ideias (Coimbra, 2003), sobre Intelectuais e Poder.